

CURRÍCULO DO ORKUT: ESCRITA DE SI NA SUBJETIVAÇÃO JUVENIL

ORKUT CURRICULUM: WRITING ABOUT SELF IN YOUTH SUBJECTIVITY

*Shirlei Rezende Sales¹
Marlucy Alves Paraíso²*

RESUMO: As tecnologias estão cada vez mais presentes em inúmeras práticas da vida cotidiana. Sua presença extensiva e ostensiva tem demandado uma série de saberes, convocando a educação a pensar sobre seus usos e sobre os efeitos que essas tecnologias produzem nas formas como são conduzidas as condutas. Este artigo analisa o currículo de um artefato tecnológico que tem seduzido grande parte das/os jovens brasileiros: o *site* de relacionamentos Orkut. Este é o segundo endereço eletrônico mais acessado no País, ficando atrás apenas do buscador Google. O argumento desenvolvido é que no Orkut são acionadas diversificadas estratégias e técnicas para a produção do eu, a fim de regular e conduzir a conduta juvenil. Isso se dá por meio dos exercícios sobre si ativados nos procedimentos de preenchimento dos perfis; na exibição do avatar; na divulgação de fotos e vídeos; na criação, participação e adição de comunidades, etc. Nesse processo, destaca-se a tecnologia da “escrita de si” – nos termos de Michel Foucault – com todo um investimento para que cada/o orkuteira/o ocupe-se de si e produza um eu que é também exposto à permanente avaliação e julgamento dos pares. Toda uma série de mecanismos para falar de si são acionados. É preciso fazer um balanço geral dos próprios gostos, interesses, qualidades, preferências e então produzir uma verdade sobre si, a qual é exposta a um extenso campo de visibilidade ciberespacial. As práticas discursivas vividas pela juventude orkuteira levam-na a um intenso exercício de autoreflexão e

ABSTRACT: Technology is present more and more in everyday life. Its ostensive and extensive presence has demanded a wide range of knowledge, demanding that education reflect on the effects of these technologies on the forms that conducts are lead. This article analyses the curriculum of a technological artifact that has seduced Brazilian youth: the social network called Orkut. This is the second most accessed webpage in Brazil, losing only to Google. The argument used is that in Orkut one can access diversified techniques and strategies to produce oneself, conducting and regulating youth conduct. This happens through exercises about oneself activated by the profile filling forms; picture/avatar exhibition; disclosure of personal pictures and videos; creation, participation and adding of communities; among other things. In this process, Michel Foucault’s ‘writing about self’ can be highlighted, taking into consideration the investment of time that the user of the site does creating a virtual self that occupies his/her time and that also is exposed to permanent evaluation and judgment of others. A wide range of mechanisms is accessed. It is necessary to review and re-think preferences, tastes, interests and qualities and then produce a true profile about oneself which is exposed widely in cyberspace. The discursive practices used by the “orkut youth” lead them to an intense exercise of self analyses and self reflection. Amidst accessions, contestations and escapes there is a variety of possibilities of youth subjectivity. The diversified practices activated in Orkut act in favour

¹ Doutora em Educação. Professora Adjunta do Departamento de Educação da UFOP. Membro do GECC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas da FaE/UFMG) e do Observatório da Juventude da UFMG. E-mail: shirlei.sales@gmail.com

² PHD em Educação pela Universidade de Valencia – Espanha. Professora Associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG. Pesquisadora do CNPQ e Coordenadora do GECC: Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas da FaE/UFMG. E-mail: marlucy.paraíso@terra.com.br

de autoanálise no processo de anotação de si. Em meio a adesões, contestações e escapes há uma multiplicidade de possibilidades de subjetivação da juventude. As diversificadas práticas de si ativadas no Orkut atuam na divulgação dessa pluralidade. O conteúdo e o funcionamento do currículo neste site mostram uma vasta multiplicidade, a qual pluraliza sua constituição e possibilidades de subjetivação juvenil.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo. Orkut. Juventude. Tecnologia. Subjetivação.

of the propagation of this plurality. The content and functionality of Orkut's curriculum shows a vast multiplicity, which pluralizes its constitution and possibilities of youth subjectivity.

KEYWORDS: Cultural curriculum. Orkut. Youth. Technology. Subjectivity.

Introdução

Globalização, viver sem fronteiras, sociedade tecnológica, geração y, geração.com, ciborgues são formas de vida que cada vez mais desafiam os modos de compreensão até aqui elaborados, seja pela ciência ou pela filosofia. Dilemas entre o que é público/privado, real/virtual, natural/artificial, verdade/ficção que convocam a educação para repensar suas práticas, intervir no cenário que se descortina e dar respostas às demandas emergentes das novas configurações sociais tecnologicamente mediadas. A intensa conexão entre as pessoas e as tecnologias é, pois, uma importante marca da contemporaneidade. Conexões que trazem muitas questões para o campo educacional, o qual se vê com a incumbência de analisar os efeitos produzidos pela inserção cada vez mais crescente das denominadas tecnologias digitais na vida das pessoas. Inserção que altera a forma de pensar, gerir a vida e de se comportar.

Os saberes tecnológicos são intensamente convocados como imprescindíveis à condução da vida, de modo que se percebe uma "aura de magia" em torno das tecnologias que evidencia certa fetichização (MOREIRA; KRAMER, 2007), como se elas fossem suficientes para produzir mudanças significativas no processo de ensino-aprendizagem. Ao lado dessas posições mais entusiastas frente à relação tecnologia e educação, há também uma série de críticas que buscam, no mínimo, problematizar a correlação direta entre tecnologia e incremento da qualidade da educação. Sem se restringir a um lado ou outro desse debate, este artigo discute a relação da juventude contemporânea com um desses artefatos tecnológicos, amplamente presente na vida das/os jovens brasileiras/os: o Orkut. Discute-se que tipos de condutas são demandadas à juventude brasileira no que é produzido no ciberespaço orkuteiro.

A juventude contemporânea, chamada por algumas/alguns de alienígena é sem dúvida composta por sujeitos conectados. Está imersa na paisagem pós-moderna, com todo o aparato tecnológico do ciberespaço, fazendo *links*, produzindo *hiperlinks* e compondo a si mesma e a seus pares. A juventude é vivida em termos de sua estreita relação com a cibercultura. Atualmente, uma parcela significativa de jovens fica imersa na Internet. Lá se relaciona, comunica-se virtualmente e conecta-se a diferentes assuntos, dentro de uma gama de infinitas possibilidades. As tecnologias digitais e as mídias estão construindo um novo tipo de subjetividade, por meio dos nexos entre os textos lá produzidos e a cultura juvenil.

Das mídias de grande circulação entre as/os jovens brasileiras/os hoje, o Orkut é um grande ícone. O Orkut é o *site* de relacionamentos mais difundido no Brasil e um dos mais populares do mundo. Segundo o IBOPE, em janeiro de 2008, o Orkut já ocupava mais de cinco horas do tempo das/os internautas brasileiras/os, as/os quais, em 2009, já somam mais de 50 milhões. O Orkut é o segundo endereço eletrônico mais acessado no País, ficando atrás apenas do buscador Google. Orkut aqui é compreendido como possuindo um *currículo cultural*, o qual é definido como parte de uma "pedagogia cultural" que "de maneira mais ampla, nos ensina comportamentos, procedimentos, hábitos valores, e atitudes, considerados adequados e desejáveis, através de diferentes artefatos,

como o cinema, a televisão, as revistas, a literatura, a moda, a publicidade, a música etc.” (PARAÍSO, 2001, p. 144).

Em meio a toda a força do Orkut no cenário cibernético da contemporaneidade, este artigo analisa o currículo do Orkut e desenvolve o argumento de que esse currículo utiliza diversificadas estratégias e técnicas para a produção do eu, a fim de regular e conduzir a conduta juvenil. Nesse processo, destaca-se a tecnologia da escrita de si, com todo um investimento para que cada orkuteira/o ocupe-se de si e produza um eu que é também exposto a permanente avaliação e julgamento dos pares.

1. O currículo do Orkut

O Orkut é um *site* de relacionamentos (www.orkut.com) criado em janeiro de 2004, nos Estados Unidos. Em abril do ano seguinte, ganhou a versão brasileira, em português. O *site* leva o nome de seu criador: Orkut Buyukkokten (EISENBERG; LYRA, 2006), engenheiro da Google (*site* de buscas muito utilizado mundialmente). De acordo com Schivartche e Pareja (2005), é o *site* de relacionamentos mais difundido no Brasil e um dos mais populares do mundo.

O Orkut não é o único, nem o primeiro. Entre os mais recentes *sites* de relacionamentos, o *Friendster.com* já existia quando o Orkut foi desenvolvido. Estima-se que haja cerca de 300 *sites* nesse universo de relacionamento social. Alguns exemplos podem ser vistos em MySpace, Facebook, Twitter, LinkedIn, hi5, Xanga, StudyBreakers, Plaxo e Ning. No entanto, o Orkut parece ter criado um atrativo maior entre as/os brasileiras/os, que atualmente correspondem a 51,33% de todas/os as/os usuárias/os, segundo informações constantes no *site*. A Índia vem em segundo lugar, com 19,77%, e os Estados Unidos em terceiro, com 16,82%.³

Em uma antiga versão de sua página principal, o Orkut se autodefinia como: “uma comunidade *on-line* que conecta pessoas através de uma rede de amigos confiáveis. Proporcionamos um ponto de encontro *on-line* com um ambiente de confraternização, em que é possível fazer novos amigos e conhecer pessoas que têm os mesmos interesses.”⁴ Nessa definição, é divulgada a ideia de que a interação é permitida apenas entre pessoas *confiáveis*. Para isso, mesmo sendo um *site*, só era permitido o acesso a quem fosse convidada/o por um membro participante. Esse era um grande atrativo, o qual gerava dose extra de interesse, desejo, fascínio e prestígio, como se o *site* fosse restrito a um grupo seleto de pessoas. Já houve época, poucos meses depois de o Orkut entrar no ar, na qual convites eram comercializados em *sites* de leilão. Esses leilões foram até mesmo divulgados em reportagens, como a da *Folha de S. Paulo*, sob o título: “Ingresso para o Orkut custa U\$1,00.”⁵ O fato é que o Orkut se expande a uma velocidade impressionante e a necessidade de um convite para ingressar no *site* deixou de existir. Isso permite inferir que o atrativo no que se refere ao acesso restrito acabou perdendo o sentido e, em janeiro de 2007, o Orkut abriu o acesso a todas/os que tivessem uma “conta Google.”⁶ É preciso destacar, no entanto, que essa abertura amplia as possibilidades de que um maior número de pessoas tornem-se usuárias/os. Isso certamente contém fortes interesses comerciais, visto que a Google, considerada um dos gigantes da internet, “cuja receita é quase toda garantida pelos anúncios publicitários, registrou lucro de 3,070 bilhões de dólares em 2006, contra 1,46 bilhão de dólares em 2005. O faturamento da empresa ficou em 10,6 bilhões de dólares.”⁷

Ao acessar o Orkut, lia-se, em versão anterior de sua página principal: “Quem você conhece?”. Com essa pergunta, estampada na página inicial, o Orkut seduzia, instigava, convidava a participar. Se, por um lado, a pergunta pode remeter o convite ao encontro com as outras pessoas, que, de algum modo, se conhecem, por outro lado, pode referir-se à dimensão do “conhece-te a ti mesmo”.

³ Disponível em: <<http://www.orkut.com>>. Acesso em: 18 out. 2009.

⁴ Disponível em: <<http://www.orkut.com>>. Acesso em: 7 jul. 2006.

⁵ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/foha/informatica/ult124u16338.shtml>> Acesso em: 17 ago. 2005.

⁶ Isso consiste basicamente em informar um endereço de e-mail. A informação de nome e sobrenome é opcional.

⁷ Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/economia/ultnot/2007/01/31/ult35u51568.jhtm>>. Acesso em: 08 fev. 2007.

Afinal, o primeiro tópico exibido quando se acessa o perfil de algum/a usuário/a é justamente a autodefinição: “quem sou eu”.

Atualmente a página inicial do Orkut é mais diretiva, quase impositiva, traz a logomarca do site, como mostra a Figura 1 e o seguinte texto:

FIGURA 1: Logomarca do Orkut



Fonte: <http://www.orkut.com>

Conecte-se aos seus amigos e familiares usando recados e mensagens instantâneas
Conheça novas pessoas através de amigos de seus amigos e comunidades
Compartilhe seus vídeos, fotos e paixões em um só lugar

Embora a pergunta “Quem você conhece?” não fique mais explicitamente estampada na página principal, ao deslizar o mouse sobre a palavra Orkut a pergunta surge em uma caixa, agora no original em inglês: “Who do you know?”, como mostra a Figura 2.

FIGURA 2: Logomarca do Orkut



Fonte: <http://www.orkut.com>

Essa sutileza, de uma pergunta que leva a/o usuária/o a uma reflexão sobre si mesma/o, parece contrastar com as frases mais impositivas cujos verbos no imperativo já demonstram toda uma estratégia de direção das condutas: Conecte-se! Conheça! Compartilhe! Embora sutileza e imposição possam parecer contraditórias, elas constituem diferentes estratégias que se somam na tarefa de conduzir os comportamentos das/os usuárias/os do Orkut.

Imposição não parece mesmo combinar com a *liberdade* tão evocada no que se refere à internet de modo geral, como na enunciação de que “a informação quer ser livre” (KENWAY, 1998, p. 105). No ciberespaço, há uma aversão às tentativas de controle e regulação das práticas (KENWAY, 1998). Acerca do Orkut, mais especificamente, há uma série de disputas que envolvem as instâncias jurídicas brasileiras e a Google, no que se refere basicamente ao fornecimento de informações sobre

as/os usuárias/os, sob suspeita de cometer algum tipo de atividade criminosa no Orkut. A “liberdade de expressão” (CARPANEZ, 2005) é evocada como uma espécie de escudo contra as investidas policiais para apuração de delitos como racismo, homofobia, pedofilia etc.

Há ainda, nessa mesma seção, mais um outro espaço em que a/o usuária/o é incitada/o a falar sobre si, especificando sua relação com o *site*, no link “Conte-nos sua história”, em que se lê:

Você tem uma história sobre o orkut que gostaria de compartilhar?

O orkut ajudou você a reencontrar velhos amigos? Conhecer novas pessoas? Mudou a sua experiência com a internet? Ou talvez até a sua vida? Se você tem uma história sobre o orkut que gostaria de compartilhar, adoraríamos escutá-la!

Conte a sua história no espaço abaixo e clique no botão “enviar”. Sinta-se à vontade para incluir detalhes sobre como e para que você utiliza o orkut. Se desejar, adicione também informações sobre você e suas comunidades.

Poderemos publicar algumas dessas histórias. Portanto, procure pela sua em breve.

O Orkut pode ser analisado como uma grande tecnologia do eu, no sentido foucaultiano (FOUCAULT, 1993). Afinal, disponibiliza uma verdadeira anatomia política do eu. Para participar do *site* de relacionamentos, é preciso criar um “perfil” em que se tem a opção de divulgar uma série de informações pessoais e profissionais, como também a de expor apenas aquelas que mais convierem à/ao usuária/o. Toda uma série de mecanismos para falar de si é acionada. É preciso fazer um balanço geral dos próprios gostos, interesses, qualidades, preferências e então produzir uma verdade sobre si, a qual é exposta a um extenso campo de visibilidade ciberespacial. As práticas discursivas vividas pela juventude orkuteira levam-na a um intenso exercício de autoreflexão e de autoanálise no processo de anotação de si, na descrição do perfil. O perfil é subdividido em três grandes categorias: social, profissional e pessoal.

No perfil *social* há um investimento intenso para a produção do eu. Há ali um imenso aparelho técnico de escrita de si. Cada dimensão do eu é detalhadamente interrogada. Há uma série de operações que leva as/os orkuteiras/os a pensar sobre si, anotar cada detalhe e então exibi-las a quem desejar. Nessa espécie de cartografia do eu, em um percurso meticuloso da escrita de si, pode-se declarar: nome, sobrenome, sexo, relacionamento, data de nascimento, cidade, estado, país, idiomas que fala, se tem filhas/os, etnia, religião, visão política, tipo de humor, orientação sexual, se fuma, bebe, com quem mora, cidade natal, página da web, paixões, esportes, atividades, livros, músicas, programas de TV, filmes, cozinhas. Nesse perfil consta ainda a grande pergunta “quem sou eu”, a qual remete ao preceito délfico “conhece-te a ti mesmo”, enquanto imperativo reflexivo e “transporta toda essa duplicação entre a própria pessoa e a sua imagem e/ou toda essa divisão ao interior da própria pessoa entre algo de mim que conhece e algo de mim que é conhecido” (LARROSA, 2002, p. 60). As técnicas requeridas para a produção do eu utilizam “códigos de conhecimento [que] são inevitavelmente fornecidos não pela pura introspecção, mas por meio da tradução da própria introspecção para um vocabulário de sentimentos, crenças, paixões, desejos, valores, de acordo com um código explicativo particular” (ROSE, 2001, p. 45), no caso que aqui interessa, um código próprio do ciberespaço.

O segundo perfil a ser preenchido é o *profissional*, no qual as operações requeridas incidem sobre a dimensão da formação e atuação profissional das/os orkuteiras/os. O exame recai sobre uma extensa gama de atributos como escolaridade, instituições frequentadas, cursos, diplomas, profissão, setor e subsetor, empresa, *site* da empresa, cargo, descrição do trabalho, e-mail e telefone do trabalho, habilidades e interesses profissionais. Por meio da prática de preenchimento do perfil “o sujeito é induzido a interpretar-se a si mesmo, a reconhecer-se a si mesmo como personagem de uma narração atual ou possível, a contar-se a si mesmo de acordo com certos registros narrativos” (LARROSA, 2002, p. 71-72).

O último tipo de perfil é o *pessoal*. Nele, o escrutínio se dá sobre dimensões como aparência física e relações afetivas. Nesse sentido, deve-se declarar altura, cor dos olhos, cor do cabelo, tipo físico, arte no corpo, aparência. Além dessas informações é preciso se avaliar e refletir sobre “o

que mais chama a atenção em mim”, “do que mais gosto em mim”, “cinco coisas sem as quais não consigo viver”, “no meu quarto você encontra”. No campo dos relacionamentos, o exame recai sobre: o que atrai, o que não suporta, o primeiro encontro ideal, aprendizagens com os relacionamentos anteriores. Esse conjunto de procedimentos constitui “um material e um enquadre para exercícios a serem frequentemente executados: ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo e com outros etc” (FOUCAULT, 2006, p. 148).

A construção dos perfis consiste em um grande aparato tecnológico para o autoconhecimento, autoconstituição, produção e exibição do eu acionando uma série de procedimentos para a escrita de si. O eu é interrogado por meio dos itens do perfil a serem analisados, respondidos e preenchidos, constituindo uma espécie de “memória material” do eu, que se acumula para “releitura e meditação posteriores” (FOUCAULT, 2006, p. 147). A maquinaria do Orkut parece operar com um ideal de autotransparência e autorrevelação. Todo exame de si sobre desejos, gostos, afinidades, sentimentos, pensamentos, atitudes, etc. é confessado para a máquina. O mecanismo de falar de si aciona ao mesmo tempo um voltar-se sobre si, como também a criação do eu, pois “a recordação implica imaginação e composição, implica um certo sentido do que somos, implica habilidade narrativa” (LARROSA, 2002, p. 68). Esse processo se dá na interface jovem-máquina, pois é no Orkut que se “deposita” e exhibe todas as informações do eu.

A escrita de si acionada no Orkut age sobre o pensamento das/os jovens, atuando no processo de subjetivação e exerce uma espécie de constrangimento na ordem dos movimentos interiores da alma e se aproxima do papel da “confissão ao diretor espiritual” (FOUCAULT, 2006, p. 145). A escrita mostra os movimentos do pensamento. Ela frequentemente aparece “associada à ‘meditação’ ao exercício do pensamento sobre ele mesmo que reativa o que ele sabe, torna presentes um princípio, uma regra ou um exemplo, reflete sobre eles, assimila-os” (FOUCAULT, 2006, p. 147).

Estando no Orkut, é possível: controlar quem será adicionada/o como sua/seu amiga/o e assim formar sua rede de relacionamentos; decidir sobre a aceitação, ou não, de determinado “depoimento” (uma opinião de alguém sobre determinada/o usuária/o); restringir quem terá acesso à sua página de recados e/ou nela deixar “scraps” (recados). Isso requer, de cada participante, uma vigilância permanente sobre o que é dito a seu respeito, para que possa efetivamente controlar (apagando ou não) o que vai ser exposto ou excluído. No Orkut demanda-se que a juventude ocupe-se consigo mesma por meio da “extrema vigilância de uma atenção que está intensamente focalizada em si mesma” (FOUCAULT, 2006, p. 160). Todos esses procedimentos de narração, criação, composição, vigilância, observação, análise, avaliação e julgamento atuam de maneira conjunta na subjetivação da juventude orkuteira, por meio da escrita de si, que de certa forma unifica uma série de “fragmentos heterogêneos” (FOUCAULT, 2006, p. 152).

Além de todos os exercícios da escrita de si é possível divulgar fotos e vídeos. Essas operações requerem uma minuciosa avaliação do que exibir sobre si. As fotos podem mostrar eventos, viagens, festas, aquisições, namoros e uma enormidade de situações em que as/os jovens produzem e divulgam um eu. Da mesma forma os vídeos podem dizer do momento vivido, das sensações experimentadas, dos sentimentos etc. Cada nova adição de foto ou vídeo, assim como qualquer atualização de informação no perfil pode ser avisada à rede de amigas/os do Orkut. Esse procedimento acarreta uma intensa exposição de si. Isso possibilita que cada usuária/o acompanhe todos os procedimentos da escrita e reescrita de si realizada por suas/seus amigas/os e avalie seus pares. Ou seja, além do mecanismo constante de autoavaliação, há, no Orkut, um investimento na avaliação dos sujeitos por parte das/os outras/os orkuteiras/os. Essa dupla função do site assemelha-se à da correspondência analisada por Foucault (2006). O processo de composição do perfil age, por meio do próprio ato da escrita, sobre aquela/e que o cria, assim como, pela leitura e releitura, age sobre aquela/e que o acessa. Isso porque o trabalho que o perfil opera nas/os outras/os orkuteiras/os, que também é realizado naquela/e que constrói e publica o perfil, (semelhante à carta) implica “introspecção”; “mas é preciso compreendê-la menos como um deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2006, p. 157).

No canto superior esquerdo do perfil de cada usuária/o, é exibido um avatar, que consiste em uma imagem que a/o identifique. Essa imagem pode ser uma foto ou qualquer outra com a qual a/o orkuteira/o deseja ser identificada/o. O avatar leva a/o usuária/o a pensar sobre sua imagem, aquilo que deseja divulgar sobre si mesma/o e consiste em uma forma de exibir o eu.

Um dos grandes atrativos do Orkut é a possibilidade de “bisbilhotar” (SILVEIRA, 2006) o que é dito sobre as/os outras/os, pelas/os outras/os e também sobre si. Essa tática é tão significativa que o lançamento de um novo recurso tecnológico, possibilitando que todas/os as/os usuárias/os do Orkut sejam informadas/os sobre quem visualizou o seu perfil, causou grande alarde entre as/os “orkuteiras/os”, sendo inclusive objeto de debate na mídia impressa. Essa ferramenta tecnológica gerou a revolta em muitas/os usuárias/os que gostavam de “xeretar”, anonimamente, os perfis alheios. Essa exposição de si e das/os outras/os acaba produzindo formas de se representar e de se diferenciar, por meio do que cada um/a “confessa” sobre si (FISCHER, 2001), do que examina curiosamente a respeito da/o outra/o, em suas múltiplas dimensões: política, ética, estética, social, artística, musical, esportiva, educacional, profissional, religiosa, étnica, racial, sexual, de gênero e inúmeras outras.

No processo de subjetivação da juventude orkuteira, as/os jovens gozam de prestígios em termos de conhecimentos que lhes permitem participar de toda potência do ciberespaço orkuteiro ou escapar do investimento massivo que insiste em lhes fazer se autoexaminar, escrever sobre si e exibir o eu. Nessa batalha entre os procedimentos propostos no Orkut e a efetiva escrita de si, podem surgir os *fakes* (perfis fictícios). O *fake* consiste na/o usuária/o que se opõe à regra do discurso completo de si, no qual se demanda o relato e divulgação da verdade sobre si.

Dizer o menos possível sobre si ou criar um perfil que não corresponda “verdadeiramente” a si mesma/o é um princípio tático em meio a uma estratégia geral que incita a dizer tudo. Tal perfil se opõe à regra da exaustiva escrita de si – constitutiva do Orkut – ao mesmo tempo em que se mantém no jogo, por meio da visualização e exame da/o outra/o – também característica do Orkut. O jogo consiste em um “conjunto de procedimentos que conduzem a um certo resultado, que pode ser considerado, em função de seus princípios e das suas regras de procedimento, válido ou não, ganho ou perda” (FOUCAULT, 2006a, p. 282).

O *fake* mantém-se no jogo, mas jogando de outra forma, utilizando outras táticas, subvertendo as regras e se opondo à obrigação de dizer a verdade sobre si. Ou talvez a criação do *fake* não seja uma operação de oposição e sim de adaptação. Afinal, a sociedade contemporânea demanda o “sujeito flexível”, o qual “apresenta comportamentos adaptativos e está sempre preparado para mudar de rumo, de modo a enfrentar melhor as mudanças” (VEIGA-NETO, 2008, p. 147). Flexibilidade é, pois, uma das marcas da/o jovem orkuteira/o que “está sempre preparado para mudar de rumo, de modo a enfrentar melhor as mudanças” (VEIGA-NETO, 2008, p. 147).

A invenção faz parte em seu aparecimento, desenvolvimento e nos mecanismos que a suportam, da história da/o orkuteira/o, e integra as operações que constituem o funcionamento do Orkut, constitui o jogo que ele proporciona, fazendo com que as/os usuárias/os estejam sempre sob suspeição. O *site* cria uma nova relação entre fato e narração; institui um limite extremamente tênue entre o confiável e o perigoso. Limite que pode tanto afugentar as/os mais precavidas/os, quanto seduzir aquelas/es que gostam de se arriscar e se aventurar em campos imprevisíveis e incertos, ou que simplesmente não se preocupam com nada disso.

É importante registrar, no entanto, que o *site* dispõe de uma “política” que inclui o “estatuto da comunidade” que se opõe à criação de *fakes*, no qual consta a determinação: “como o orkut. com tem como objetivo promover interações abertas entre pessoas reais, exigimos que os usuários atendam os padrões básicos de identidade. Os perfis devem ser criados somente pela pessoa retratada, e todos os usuários devem ter pelo menos 18 anos.”⁸ Para tentar coibir as infrações ao estatuto, o Orkut orienta e adverte: “possíveis violações ao Estatuto da comunidade deverão ser

⁸ Disponível em: <<http://www.orkut.com>>. Acesso em: 16 jul. 2008.

denunciadas com o uso do botão **Denunciar abuso** na página do perfil ou da comunidade. Se nós determinarmos que o conteúdo informado é ilegal ou viola nossas políticas, poderemos removê-lo imediatamente.”⁹

Em relação ao conteúdo dos perfis, o estatuto determina que

não é permitido ao usuário carregar, transmitir ou conter (no perfil, nos depoimentos, nas entradas da página de recados etc.) material – como pornografia infantil – que viole as leis do mundo real. Esses perfis serão removidos imediatamente quando tomarmos conhecimento de tal conteúdo, e nós denunciaremos instâncias de pornografia infantil às autoridades apropriadas.

As imagens exibidas no orkut.com não podem conter material obsceno, de nudez, nem com apelo sexual que seja considerado explícito pela equipe do orkut.com.

O perfil não pode carregar, transmitir ou conter material que seja discriminatório ou ofensivo em relação a raça, etnia, nacionalidade, religião, sexo ou orientação sexual.

Um perfil não deve conter ameaças de violência contra nenhuma pessoa, e não pode promover nenhum perigo nem atividade ilegal.¹⁰

O Orkut ainda dispõe de uma “política sobre carregamento de imagens” (que proíbe a veiculação de pornografia e obscenidade); “política sobre material protegido por direitos autorais” (que proíbe postar material protegido por direitos autorais nos perfis ou nas comunidades); “política de privacidade” (que detalha as formas de privacidade, as quais podem ser controladas pelas/os usuárias/os, por meio de senhas e configurações pessoais) e “termos de serviços”. Para participar do Orkut, a/o usuária/o deve “primeiro concordar com os Termos. Não é permitido o uso dos Serviços por parte do usuário se ele não aceitar os Termos.”¹¹ A/o usuária/o pode aceitar os termos de serviços:

(A) clicando para aceitar ou concordar com os Termos, no caso de essa opção ser disponibilizada pelo Google na interface do usuário para qualquer Serviço; ou

(B) usando efetivamente os Serviços. Nesse caso, o usuário compreende e aceita que o Google considerará o seu uso dos Serviços uma aceitação dos Termos a partir desse momento.¹²

O Orkut disponibiliza uma série de outros recursos, como o lembrete do aniversário das/os amigas/os ou a troca de mensagens via correio eletrônico. O Orkut tem investido na ampliação de recursos que oferece às/aos usuárias/os. Uma melhoria recente do *site* é a ampliação da possibilidade de exibir até 1000 fotos no álbum ou a notificação das mais diversas atualizações realizadas pelas/as amigas/os das/os usuárias/os, como atualizações de dados do perfil, adição de novas fotos ou vídeos. Algumas formas de ampliação de recursos e ferramentas estão na enorme lista de aplicativos que podem ser adicionados ao perfil da/o orkuteira/o, como a adição de músicas a serem tocadas no perfil; personalização do avatar em 3D; estilização das fotos; categorização das/os amigas/os em mais lindos, mais bem-vestidos, etc; adição de *emoticons* que divulgam o estado emocional das/os usuárias/os; divulgação de informações diversificadas, como campeonatos e eventos; compartilhamento de jogos, etc.

Outro procedimento disponibilizado no Orkut e que exerce grande atração é a possibilidade de criar uma comunidade ou participar de determinada comunidade já existente. As comunidades são articuladas em torno de temáticas específicas. Há comunidades sobre os mais diversos e inusitados assuntos, categorizados pelo Orkut em: alunos e escolas; animais: de estimação ou não; artes e entretenimento; atividades; automotivo; cidades e bairros; computadores e Internet; culinárias, bebidas e vinhos; culturas e comunidade; empresa; escolas e cursos; esportes e lazer;

⁹ Disponível em: <<http://www.orkut.com>>. Acesso em: 16 jul. 2008.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.orkut.com>>. Acesso em: 16 jul. 2008.

¹¹ Disponível em: <<http://www.orkut.com>>. Acesso em: 16 jul. 2008.

¹² Disponível em: <<http://www.orkut.com>>. Acesso em: 16 jul. 2008.

família e lar; gays, lésbicas e bi; governo e política; história e ciências; *hobbies* e trabalhos manuais; jogos; moda e beleza; música; negócios; países e regiões; pessoas; religiões e crenças; romances e relacionamentos; saúde, bem-estar e *fitness*; viagens; outros.

Participar de uma comunidade demanda uma série de procedimentos da/o usuária/a que primeiramente deve adicioná-la ao seu perfil, o que pode exigir a autorização prévia da/o “dona/o” da comunidade, se ela/e assim determinar. Nesse caso é necessário aguardar o aceite. Sendo aceita/o, a/o usuária/o pode participar dos debates travados no *fórum* da comunidade. O fórum consiste em um espaço em que as/os participantes discutem quaisquer assuntos distribuídos em *tópicos* específicos. Estes são criados em torno de determinada temática, mas as/os participantes podem subverter o tema proposto e passar a debater um assunto totalmente desvinculado do tema originário do tópico.

Outro exercício proporcionado pela comunidade consiste em participar das *enquetes*, as quais consistem em uma espécie de pesquisa ou votação sobre determinada temática vinculada, ou não, à proposta da comunidade. Assim, qualquer usuária/o pode postar uma enquete e as/os demais participantes da comunidade se posicionam diante das alternativas propostas. O Orkut, então, contabiliza os posicionamentos, criando um *ranking* das respostas.

Além disso, as/os participantes podem divulgar eventos na comunidade. Esses eventos podem referir-se à temática proposta na comunidade ou tratar de um assunto totalmente diferente. Todas essas possibilidades podem, ou não, ser controladas por um/a “moderador/a” que consiste em um/a participante que decide o que permanece e o que é excluído da comunidade, desde tópicos dos fóruns, como enquetes, eventos e até seus membros. Todo esse acesso para exclusões ou aceites é controlado por meio de senhas eletrônicas.

A participação da/o usuária/o pode ser mais ativa (o que inclui debater ou até mesmo criar os tópicos propostos nos “fóruns” da comunidade e também divulgar eventos relacionados ao tema) ou pode consistir em apenas adicionar a comunidade escolhida ao seu perfil, como é feito na maior parte dos casos. De um modo ou de outro, adicionar uma comunidade significa deixar públicas as ideias com as quais a/o usuária/o se identifica, consiste em mais uma técnica para falar de si e produzir um eu. Isso é muito evidente quando as/os usuárias/os simplesmente postam *links* de determinada comunidade no item “quem sou eu” do perfil. Ou ainda quando assim respondem a esse item: “quer saber quem eu sou, veja as minhas comunidades” ou então: “um pouco do que eu sou já está dito nas minhas comunidades”. Toda essa maquinaria constitui “uma certa maneira de se manifestar para si mesmo e para os outros” (FOUCAULT, 2006, p. 155-156), em que a escrita e exibição do eu funcionam como uma “maneira de se oferecer ao seu olhar através do que é lido sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2006, p. 156).

O Orkut consiste, pois, em um importante aparelho de tecnologia do eu, que tem por regra de funcionamento fazer a existência da juventude passar, ao mesmo tempo, pelo filtro do exame de si e do julgamento da/o outra/o. Isso por meio de um extenso controle discursivo no jogo da exaustiva escrita e exibição de si. O Orkut faz funcionar diversos mecanismos de regulação da conduta. Ele cria uma série de obrigações discursivas, demandando determinados comportamentos dos jovens, por meio das relações que eles estabelecem consigo mesmos e com os pares. Sobre a escrita de si é feito um intenso investimento, para que o eu seja detalhadamente analisado e exibido no ciberespaço.

A maquinaria do Orkut opera de modo a adentrar em toda a constituição da/o jovem, interrogar cada detalhe da sua existência, controlando a todo custo, por meio de uma política e estatuto de uso as fugas e as transgressões. Para isso, o *site* dispõe de uma série de mecanismos para fazer falar, impondo também algumas regras aditivas como aquelas relativas a uma nova linguagem – o internetês –, com certo estilo de escrita de si, composto por determinadas palavras, expressões e *emoticons*. Mesmo todos esses procedimentos, no entanto, não são capazes de garantir que a juventude seja subjetivada da mesma forma. As tentativas de controlar os procedimentos a serem adotados não são plenamente eficazes. Há muitos escapes, como os *fakes*, a omissão de informações ou a transgressão às políticas de privacidade, carregamento de imagens, etc. Afinal, “a existência

da contestação, do conflito e da oposição nas práticas que conduzem a conduta das pessoas não constitui nenhuma surpresa”, pois “em qualquer e determinado local, os humanos colocam programas planejados para um determinado fim a serviço de outros fins” (ROSE, 2001, p. 48).

Além disso, se estamos vivenciando a mudança da sociedade disciplinar (moderna) para a sociedade do controle (pós-moderna), conforme anuncia Deleuze (1992), temos também uma mudança nos processos de subjetivação, passando da produção dos sujeitos dóceis para os sujeitos flexíveis (VEIGA-NETO, 2008). A flexibilidade estimulada provoca naquelas/es em que incide “artimanhas e artifícios de escape, evasiva e (no limite) recusa” (VEIGA-NETO, 2008, p. 147).

Em meio a adesões, contestações e escapes há uma multiplicidade de possibilidades de subjetivação da juventude. As diversificadas “práticas de si” ativadas no Orkut atuam na divulgação dessa pluralidade. O conteúdo e o funcionamento do currículo do Orkut mostram uma vasta multiplicidade, a qual pluraliza sua constituição e possibilidades de subjetivação juvenil.

Concluindo...

Compreender o funcionamento de um artefato tecnológico que tem exercido grande fascínio na juventude brasileira e ocupado boa parte do tempo que ela dedica às práticas cibernéticas é tarefa de grande importância para o campo educacional na atualidade. Por um lado, as tecnologias de modo geral, especialmente as que configuram o ciberespaço, são vistas de modo bastante otimista por parte das análises acerca da utilização da internet na educação. O “ciberespaço vem sendo significado como um empíreo educacional, um outro mundo onde o corpo não está presente, mas que apesar disso (ou talvez por causa disso) a educação funcionaria de modo mais perfeito” (SARAIVA, 2006, p. 97). O ciberespaço, mais especificamente a internet e os saberes tecnológicos são divulgados como uma espécie de alternativa quase salvacionista para a educação, de modo a enfrentar a nomeada crise educacional e aprimorar a sua qualidade.

Por outro lado, há toda uma tentativa de demonização de algumas práticas, como o próprio uso do Orkut, sob o argumento de que não possuem nada que seja efetivamente útil para a juventude, ressaltando as práticas delituosas no uso do *site*, frequentemente denunciadas na grande mídia. Essa tática de desqualificação do Orkut pode ser vista circulando em muitos discursos ao avaliar a relação entre juventude e internet. O debate a respeito da língua escrita tem sido intenso, especialmente sobre o *internetês*, em que as modificações e abreviações têm sido alvo de muita polêmica.¹³ Além desses aspectos, há uma intensa discussão em que a internet é descrita como ocupando a juventude de modo excessivo e com conteúdos inúteis.

Não há, no entanto, como negar que as tecnologias estão cada vez mais presentes nas nossas vidas e parece que vieram para ficar. Acreditamos, portanto, que, ainda que não nos filieemos a um dos polos em disputa; ainda que não nos posicionemos como defensores ou opositores da inserção das tecnologias na educação; é preciso que o campo educacional, no mínimo, invista esforços na compreensão dos artefatos tecnológicos disponíveis e que tanto têm seduzido boa parte da juventude contemporânea.

De todo modo, para se pensar a relação entre educação e tecnologia é preciso ampliar o debate e levar em conta que “ao lado da incorporação da tecnologia, cabe questionar o modelo de sociedade que se quer construir” (MOREIRA; KRAMER, 2007, p. 1048). Essa questão nos parece bastante pertinente e talvez deva guiar nossas opções, nossas decisões no âmbito do currículo, do planejamento, da gestão e também das políticas educacionais. Nesse sentido, a presença das tecnologias na educação por si só não é capaz de garantir a qualidade das práticas. Isso porque “a tecnologia pode ser um instrumento a serviço ou contra” (MOREIRA; KRAMER, 2007, p. 1054) o projeto de sociedade que se deseja alcançar e deve ser analisada em suas potencialidades e também limitações.

¹³ Alguns exemplos de análise da linguagem cibernética podem ser vistos em Frade (2001), Pereira e Costa (2002), Garbin (2003) e Saraiva (2004).

Quanto ao Orkut, mais especificamente, desqualificado ou exaltado, ele está presente na vida de muitas/os jovens brasileiras/os que o levam consigo para muitos lugares, até mesmo para as escolas. Ambos, currículo escolar e currículo do Orkut, compõem uma série de modos da juventude se comportar, produzem uma gama de sentidos para a compreensão do mundo e atuam nas maneiras de a juventude se posicionar. Tudo isso por meio de uma intensa conexão entre a vida *off-line* e as tecnologias digitais, que produz uma série de operações de tradução cultural. Na subjetivação não há uma homogeneidade interna, universalizada, que garanta as mesmas e inconfundíveis características a todas/os, como se houvesse um único modo de vida, compartilhado da mesma forma por todas/os as/os jovens. A juventude contemporânea, de existência fronteira, portanto, dobra provisoriamente sobre si certas subjetividades, negocia sentidos, desliza de uma posição a outra, escapa a categorizações estanques, não se deixa aprisionar por rótulos e etiquetas predeterminadas.

Referências

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

CARPANEZ, Juliana. Orkut dá falsa impressão de impunidade, diz promotor de Justiça. *Folha On line*. 29/07/2005. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 18 ago. 2005.

ESEINBERG, José; LYRA, Diogo. A invasão brasileira do Orkut. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 226, p. 30-35, Maio, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 114, p. 197-223, Nov. 2001.

FOUCAULT, Michel. Verdade e subjetividade. *Revista de Comunicação e Linguagem*. Lisboa, n.19, p. 203-223. 1993.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). *Michel Foucault – Ética, sexualidade, política*. Ditos e escritos V. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.144-162.

FOUCAULT, Michel. A Ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, Manoel Barros da. (Org.). *Michel Foucault – Ética, sexualidade, política*. Ditos e escritos V. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. p. 264-287.

FRADE, Isabel Cristina A. S. Aproximações entre educação e comunicação. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte: Dimensão, set./out. 2001. Disponível em: <<http://www.editoradimensao.com.br>>. Acesso em: 17 ago. 2005.

GARBIN, Elisabete Maria. Cultur@as juvenis, identid@ades e Internet: questões atuais. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 23. p. 119-35, Maio/Jun./Jul./Ago. 2003.

KENWAY, Jane. Educando cibercidadãos que sejam “ligados” e críticos. In: SILVA, Luiz Heron. (Org.). *A escola cidadã no contexto da globalização*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 99-120.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *O sujeito da educação – estudos foucaultianos*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 35-86.

MOREIRA, Antônio Flávio; KRAMER, Sônia. Contemporaneidade, educação e tecnologia. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, out. 2007. p. 1037-1058.

PARAÍSO, MarLucy Alves. A produção do currículo na televisão: que discurso é esse? *Educação e Realidade*, 26(1), Jan/Jun. p. 141-160. 2001.

PEREIRA, Ana Paula Marques Sampaio; COSTA, Sérgio Roberto. Conceitos e (pré)conceitos sobre o escrever na internet e na escola. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte: Dimensão, nov./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.editoradimensao.com.br>>. Acesso em: 17 ago. 2005.

ROSE, Nikolas. Como se deve fazer a história do eu? *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 26 (1), p. 33-58, Jan./Jun. 2001.

SARAIVA, Karla. Linguagens internáuticas e viagens ciberespaciais. In: 27ª REUNIÃO ANUAL DA ANPEd. Caxambu – MG, 2004.

SARAIVA, Karla. O ciberespaço como um empíreo educacional. In: SOMMER, Luís Henrique e BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (Org.). *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas: Ed. ULBRA, 2006. p. 93-106.

SCHIVARTCHE, F.; PAREJA, L. Polícia acha autor de grupo racista no Orkut. Folha de São Paulo, São Paulo, 03 jun. 2005. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u16338.shtml>>. Acesso em: 17 ago. 2005.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Identidades para serem exibidas: breve ensaio sobre o Orkut. In: SOMMER, Luís Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (Org.). *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas: Ed. ULBRA, 2006. p. 137-50.

VEIGA-NETO, Alfredo. Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. *Sísifo/Revista de ciências da educação*. n. 7, Set./Dez. p. 141-149. 2008.

Recebido em: 16 de fevereiro de 2011.

Aprovado em: 27 de março de 2011.